

A ESCRITA COMO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA:
UMA LEITURA DE *O VOO DA GUARÁ VERMELHA* (2005),
DE MARIA VALÉRIA REZENDE

ANA MARIA SOARES ZUKOSKI (Doutoranda)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
(anazukoski@gmail.com)

Dra. LÚCIA OSANA ZOLIN
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, Paraná, Brasil
(luciazolin@yahoo.com.br)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise interpretativa do romance contemporâneo *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende. As palavras desempenham um importante papel na vida da protagonista Irene que, por conta da marginalização de sua profissão, tem suas identidades restritas ao estigma de prostituta. Por meio das palavras, orais e escritas, Irene rumo em uma trajetória ascendente no que tange ao florescimento de sua subjetividade e a (re)construção das identidades que melhor a representam, servindo a escrita como um mecanismo de subjetivação feminina. O ensaio está alicerçado nos pressupostos teóricos da Crítica Literária Feminista, da literatura de autoria feminina e dos Estudos Culturais, com pesquisadores/as como Touraine (2010); Rago (2013); Seligmann-Silva (2013); Bhabha (2014), entre outros/as.

Palavras-chave: Escrita. Subjetivação feminina. Literatura de autoria feminina. Maria Valéria Rezende.

Artigo recebido em: 23 mar. 2020.
Aceito em: 17 abr. 2020.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; ZOLIN, Lúcia Osana. A escrita como processo de subjetivação feminina: uma leitura de *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 62-78.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 jul. 2020.

WRITING AS A PROCESS OF FEMALE SUBJECTIVATION:
A READING OF *O VOO DA GUARÁ VERMELHA* (2005),
BY MARIA VALÉRIA REZENDE

ABSTRACT: This article aims to present an interpretative analysis of the contemporary novel *O voo da guará vermelha* (2005), written by Maria Valéria Rezende. Words play an important role in the life of the protagonist Irene, who, due to the marginalization of her profession, has her identities restricted to the prostitute's stigma. Through words, oral and written, Irene moves in an upward trajectory with regard to the flourishing of her subjectivity and the (re)construction of the identities that best represent her, writing serving as a mechanism of female subjectivation. The essay will be based on theoretical assumptions developed by Feminist Criticism, literature of female authorship and Cultural Studies, including authors such as Touraine (2010); Rago (2013); Seligmann-Silva (2013); Bhabha (2014), among others

Keywords: Writing. Female subjectification. Literature of female authorship. Maria Valéria Rezende.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

A busca pela própria identidade é uma temática bastante recorrente na literatura de autoria feminina contemporânea. Tem sido urgente à escritora brasileira representar e problematizar a constituição das múltiplas identidades que integram os sujeitos femininos. Segundo Moreira (2003), “o ato de escrever, para as mulheres, entre outras exigências internas, levou-as a matar o ‘anjo’, assim como os ideais estéticos que as deixavam fora da arte” (p. 65). Isso não está restrito exclusivamente às mulheres que escrevem, mas também às personagens femininas escritoras representadas em suas obras.

Os resultados da pesquisa “Literatura de autoria feminina contemporânea: escolhas inclusivas?”¹, coordenada por Lúcia Osana Zolin, na Universidade Estadual

¹ A pesquisa catalogou e analisou cerca de 150 romances brasileiros de autoria feminina publicados dos anos 2000 a 2015 por três dentre as maiores editoras do país: Record, Rocco e Companhia das Letras. A metodologia da pesquisa compreendeu o preenchimento de um questionário composto de doze etapas para cada uma das personagens importantes do romance: 1) dados básicos da obra; 2) dados sobre a autora; 3) dados básicos da personagem;

de Maringá, apontam nessa direção. Diversos atributos das personagens femininas dos romances aí analisados parecem se configurar como mecanismos de subjetivação, de autoconhecimento e de empoderamento. É o caso das personagens representadas como sendo dotadas do poder e da capacidade de escrever. A tabela abaixo apresenta os dados levantados acerca dos talentos das personagens, separadas em masculinas e femininas, isto é, capacidades desempenhadas para além de suas ocupações profissionais:

Tabela 01: Que talento(s) a personagem possui?

	Feminino	Masculino	Ambíguo	TOTAL
Sem indícios	219	193	2	414
Fala línguas estrangeiras	41	20	0	61
Toca instrumento musical e/ou canta	21	17	0	38
Escreve literatura	18	16	0	34
Pratica esportes	8	10	0	18
Desenha, pinta ou esculpe	14	9	0	23
Dança	12	6	0	18
Cozinha	20	6	0	26
Interpreta (teatro)	6	3	0	9
Faz marcenaria	0	3	0	3
Outro talento	5	2	0	7
Faz artesanato	7	2	0	9
Conta histórias	5	1	0	6
Costura, borda ou tricota	9	0	0	9
TOTAL	385	288	2	675

Fonte: Pesquisa Literatura de autoria feminina contemporânea: escolhas inclusivas?

Os resultados demonstram que o talento “escreve literatura” consiste no quarto mais citado no corpus analisado, entre o de falar línguas estrangeiras, tocar instrumentos ou desempenhar atividades artísticas. De modo que mais da metade das personagens que escrevem literatura são femininas, aproximadamente 53%. Considerando que tradicionalmente a escrita era uma prática exclusiva do universo masculino, tais dados sugerem que as escritoras brasileiras, ao inserirem as mulheres aí, colocam luz na importância e na significação que o ato de escrever pode implicar em suas trajetórias. Dentre as frutíferas possibilidades que vão sendo

4) aparência e condições físicas da personagem; 5) educação; 6) trabalho e condições socioeconômicas; 7) crenças e opiniões; 8) sexualidade; 9) relações sociais; 10) espaço; 11) maternidade/paternidade e 12) outras características.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; ZOLIN, Lúcia Osana. A escrita como processo de subjetivação feminina: uma leitura de *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 62-78.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

deflagradas pelas práticas de escrita das personagens, nosso interesse recai no processo de subjetivação por que passam. A escrita possibilita às personagens femininas uma focalização nelas mesmas e, a partir disso, a transposição da condição de mulheres-objeto para mulheres-sujeito, assumindo o controle de si e de suas próprias vidas. Esse é caso de romances como *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende, em que a protagonista revela-se como a narradora de sua própria história apenas no final da narrativa, ratificando a ideia de que a escrita a ajudou a superar o trauma de um relacionamento abusivo e compreender melhor suas identidades e representações.

Também esse é o caso de Irene, protagonista de *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, publicado pela Alfaguara, em 2005, portanto no mesmo contexto das obras que constituem o corpus da pesquisa acima referida. Na seção a seguir, nos ocupamos de analisar as relações entre a contação de histórias e a prática da escrita, estabelecidas entre os protagonistas, salientando o modo como essa troca de experiências contribui para com o processo da (re)construção da subjetividade de Irene e de uma nova imagem que ela vai construindo para si, desassociada daquela que lhe é doada pela prostituição, ocupação que, segundo o olhar do outro, a destitui de humanidade.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E ESCRITA: EXPERIÊNCIAS ENTRELACADAS A SERVIÇO DA (RE)CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Em *O mundo das mulheres* (2010), Touraine cunhou a expressão “construir a si mesma” para referir-se a processos de subjetivação feminina que implica “afirmar-se como mulheres e não somente libertar-se de uma feminilidade imposta pelos homens, ainda que elas rejeitem, toda forma de dependência e a condenem quando a percebem ao redor ou dentro delas” (TOURAINÉ, 2010, p. 44). É nesse sentido que parecem avançar as representações de mulheres na literatura contemporânea escrita por mulheres, de modo a apontar para a ruptura em relação às amarras do poder masculino para, no lugar, fazer emergir a figura da mulher-sujeito – aquela marcada pela insubordinação aos paradigmas patriarcais que atuam no sentido de restringir as mulheres à condição de objetos.

Se, tradicionalmente, a ideia de “identidade feminina” vinha sendo construída e constantemente reafirmada pelas representações que os homens e as instituições dominadas por eles faziam delas, a ideia da construção de si pela própria mulher não fazia nenhum sentido já que à mulher não era permitido representar ou até mesmo falar/ser ouvida. Touraine (2010, p. 46), nesse sentido, chama a atenção para a

estreita relação existente entre a subjetivação dos indivíduos e as relações de poder estabelecidas e cristalizadas nas sociedades assentadas no pensamento patriarcal. Isso porque a lógica da dominação masculina implica, antes de tudo, a privação da subjetividade feminina. Daí a importância primordial da afirmação “Eu sou mulher”, pois esse “eu” está em ruptura com todas as definições “funcionais” acerca das mulheres como, por exemplo, o fato de elas serem condicionadas a desempenhar funções específicas de seu sexo, como a maternidade e o cuidado com os filhos e a casa. Considerar e problematizar os pressupostos patriarcais que persistem na sociedade contemporânea, ainda que de forma velada, facilita a desconstrução e/ou desnaturalização da funcionalidade feminina, isto é, dos papéis sociais a que as mulheres, mesmo estando inseridas no âmbito público, ainda são convidadas a desempenhar.

É a afirmação da mulher como sujeito que viabiliza o questionamento acerca dessa “funcionalidade”, possibilitando-lhes avançar rumo à sua própria subjetividade. Wittig (2019) pontua que “uma pessoa pode construir a si mesma como sujeito [...] uma pessoa pode se tornar *alguém* apesar da opressão, que cada um possui sua própria identidade” (p. 88-89, grifo nosso). Essa postura vem ao encontro da trajetória de Irene, que, apesar da opressão, enxerga na escrita a possibilidade de subjetivação.

O voo da guará vermelha apresenta a trajetória de Irene e Rosálio, ela uma prostituta soropositiva e ele um pedreiro analfabeto. Por meio das palavras, orais e escritas, ambos traçam um ascendente e intenso percurso de crescimento humano. A representação pejorativa que Irene dispõe de si mesma, devido a seu ofício, intensifica sua dificuldade em empreender a “construção de si”. Tal expressão é uma referência à mudança de perspectiva feminina: “Ser uma mulher para si, construir-se como mulher é, ao contrário, transformar *esta mulher para o outro* em *mulher para si*” (TOURAINÉ, 2010, p. 41, grifos do autor). Acontece assim uma transferência de prioridades, isto é, as mulheres deixam de modelar e/ou restringir suas subjetividades para satisfazer o outro e para focar em si mesmas, na construção de suas identidades e, conseqüentemente, de sua subjetividade. Para isso, faz-se necessária a modificação da perspectiva pela qual ela constrói sua representação ou a sua imagem, ambas relacionadas às suas identidades.

A subjetivação feminina é um processo que demanda tempo, pois, para que a subjetividade seja construída, é necessário primeiro desconstruir dentro de si as amarras que o ideário social construiu ao longo de séculos. A miséria e a marginalização nas quais Irene estava inserida vinha perpetuando-lhe as restrições à edificação de sua subjetividade. A escrita e os livros não são encarados pela protagonista, no primeiro momento, como coisas importantes ou valiosas, uma vez que suas preocupações com dinheiro e a sobrevivência são mais prementes: “mas

amanhã é segunda-feira, procura entre as páginas dos livros, um por um, e nada encontra, só palavras. Para que servem?, palavras [...] quer rasgar os livros” (REZENDE, 2014, p. 16). As palavras contidas nos livros não detêm valor para essa mulher que não tem consciência acerca do seu próprio valor, uma vez que está moldada a partir dos pressupostos da sociedade, que a condena pela prostituição. Sua primeira visão acerca da escrita é totalmente marcada pela influência social, que não concede a essas pessoas marginalizadas a ideia de que podem participar ativamente do mundo intelectual, delineando a restrição por meio do ideário social.

Entretanto, o relacionamento com Rosálio propicia à personagem o contato com uma nova e diferenciada visão acerca das palavras e da escrita. Apesar de ser um pedreiro pobre e marginalizado ao longo de toda a sua vida, o sonho de aprender a ler e a escrever faz com que ele atribua grande valor às palavras: “é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes, fome que é assim uma sozinha inteira, um escuro no oco do peito, uma cegueira de olhos abertos e vendo tudo que há para ver aqui” (REZENDE, 2014, p. 9). A aspiração em ser alfabetizado está relacionada com uma “fome de alma”. A metáfora empregada pode ser interpretada como a relação entre as palavras e a alma, que por sua vez, é passível de ser entendida como a subjetividade humana; além disso, essa “cegueira de olhos abertos” remonta à ideia da ignorância, não no sentido pejorativo do senso comum, carregada de negatividade, mas sim do analfabetismo. Esse excerto situado logo no início do livro sugere o poder de subjetivação que as palavras podem conter, transformando a realidade dessas pessoas. Por ser analfabeto e, conseqüentemente, desprovido do domínio da expressão, Rosálio é descrito como dispendo de “um escuro no oco do peito”, sugerindo que as palavras abarcariam o poder de iluminar e preencher esse vazio, de modo a atuar na construção da sua subjetividade.

Apesar de não saber ler, Rosálio sabe contar histórias: “sabe que tem de voltar para o lugar cor de cinza, mas deve a ela também e só palavras tem para lhe pagar” (REZENDE, 2014, p. 17). Ao transformar as palavras em uma espécie de moeda, ressalta-lhes a importância, comparando-as ao dinheiro, do qual todos dependem na sociedade capitalista em que vivem. É necessário considerar que o problema do dinheiro é uma preocupação constante na vida dele e na de Irene. E, ao comparar as palavras com o dinheiro, explicita o quão significativas essas lhe parecem, sendo configuradas como uma questão de sobrevivência. Na mesma medida em que é preciso dinheiro para sobreviver, também as palavras são necessárias. Ademais, isso sugere que não há uma negociação de corpos, como é o caso da prostituição, mas sim a negociação de sentidos, ou seja, por meio dessa troca de palavras orais e escritas, as duas personagens vão modificando os valores e a si mesmas por meio da cumplicidade.

O contato com essa visão positiva acerca das palavras motiva Irene a direcionar um novo olhar para elas: “Mas eu não sei ler direito, quase nunca leio nada [...] mas se você não se importar de me ouvir ler tropeçando, eu posso experimentar, que livro quer?, este aqui? Mas só leio um pedacinho que estou ficando com sono...” (REZENDE, 2014, p. 25). Desse modo, concede uma nova chance para as palavras, permitindo-se experimentar a leitura. Essa abertura sugere a vontade de querer compartilhar da ótica de Rosálio, sendo ele o seu motivador, por meio de seus pedidos. Apesar da sua disposição, sua condição ainda está marcadamente presente, restringindo o tempo de dedicação a essa atividade por conta do cansaço físico. A hesitação dela, assinalada pela justificativa de não saber direito também é direcionada pela sua situação, configurando uma pequena barreira que, aos poucos, vai conseguindo superar.

O entrelaçamento dessas vidas, tão sofridas, motiva ambos a buscarem ser melhores para si, principalmente Irene: “Então promete amanhã começar a ler o livro, mas precisa de estudar para ler bem, sem tropeço, sem pular nem trocar letra, ele que lhe deixe o livro. [...] A mulher esconde o livro debaixo do travesseiro” (REZENDE, 2014, p. 27). O relacionamento entre os dois possibilita-lhes grande crescimento espiritual. Isso é refletido na busca em melhorar, na dedicação em estudar o texto, para poder ler de maneira melhor para o companheiro. Além disso, os livros passam a ser fortemente estimados para Irene que, não contente em guardá-los, prefere escondê-los. Esse comportamento reflete o receio de a protagonista perder aquilo que está construindo, mesmo que inconscientemente, servindo o livro como uma espécie de instrumento no processo de construção de si. Além disso, a busca em melhorar sua capacidade de leitura pode ser entendida como a busca pela sua essência ou pela(s) identidade(s) que melhor a representa(m).

Irene ressignifica o valor que atribuía às palavras, encarando-as agora como um presente de Rosálio e não apenas como letras dispostas em blocos: “A história da guará vermelha. Enche as páginas com a letra caprichada das aulas de caligrafia e as palavras que lhe presenteou o homem” (REZENDE, 2014, p. 20). Trata-se de um processo que avança no sentido de fazê-la enxergar o mundo de outra forma: a preocupação com a sobrevivência é mesclada agora com o prazer de viver, materializado no seu encantamento pelas palavras que aprende e ensina a escrever, tornando um pouco mais leve sua existência: “Já se banhado, perfumou-se e agora espera Rosálio [...] bem sabendo que o presente que mais valor tem para ele são as letras que lhe ensina, [...] o seu sonho de menina, de um dia ser professora, se tornou realidade” (REZENDE, 2014, p. 68). Ela consegue compreender o valor agregado no ato de ensinar Rosálio a ler. Ela ensina e também aprende com seu aluno, e juntos vão se constituindo enquanto sujeitos de suas próprias histórias, possibilitando o

florescimento de outras identidades que vão subjungando a representação negativa da prostituta com a qual era definida e pela qual se autodefinia.

Eles tecem laços entre a contação de história dele e a escrita dela. Rosálio oferece as histórias que tem para contar e ela “quer ouvir mais das histórias que o homem lhe dá de graça, mesmo que não ouça tudo, mesmo que às vezes cochile, essa voz lhe faz tão bem!” (REZENDE, 2014, p. 32). O sentir gratidão pelo fato de as histórias não estarem lhe sendo cobradas evidencia que, da sua ótica, ela ainda acredita que nada pode oferecer a esse homem que lhe faz bem, demonstrando, uma vez mais, que, apesar de a sua visão estar alterada no que tange à escrita, a perspectiva negativa que tem de si, circunscrita à prostituição, ainda tem destaque na sua interioridade. O contexto social também está presente no excerto, marcado pela incapacidade de ela ouvir as histórias completas, vencida pelo cansaço e pelo sono, decorrentes da sua dura jornada de trabalho.

O primeiro contato com as palavras, por meio da leitura e da contação de histórias, além de permitir a Irene compreender a importância delas, a direciona para um contato mais intenso com elas por meio da escrita da história que havia ouvido de Rosálio sobre a guará vermelha: “ergue a ponta do colchão, corre a mão e encontra o lápis, a borracha e o caderno, bonito, duzentas folhas, as sobras de uma ilusão [...] senta na cama cambaia, recosta-se em almofadas, abre a folha imaculada, molha a ponta do lápis na língua pálida e escreve” (REZENDE, 2014, p. 19-20). A iniciativa de escrever parte inteiramente da protagonista, considerando que Rosálio desconhecia o fato de ela ser alfabetizada. Esse desejo de escrever as histórias ouvidas demonstra uma mudança de perspectiva da personagem que começa a vislumbrar o valor e a importância de que a escrita dispõe e que virá a desencadear nela o processo de subjetivação, ainda que, nesse momento, ela ainda não tenha se dado conta.

Ao prefaciar a obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013), de Margareth Rago, Seligmann-Silva postula que a pesquisadora brasileira “recupera a ‘escrita de si’, no sentido foucaultiano de construção da subjetividade” (2013, p. 19). A autora associa o processo de escrita com a subjetivação. A ideia defendida por Rago é aplicada a um tipo específico de escrita, a chamada escrita de si, relacionada com a vida do/a autor/a, sua biografia e suas experiências. Acreditamos, todavia, que essa “construção da subjetividade” não está restrita a esse tipo de escrita, pois Irene não utiliza desse gênero, mas aproveita desse processo para suscitar o florescimento de sua subjetividade.

O fato de ter guardado embaixo do colchão os materiais necessários para escrever demonstra que, assim como o livro de Rosálio depositado no mesmo esconderijo, eles lhe são preciosos. As “sobras de uma ilusão” reforçam a ideia da prostituição como falta de opção, e o desejo por uma vida diferente: “estudar segundo grau, veja só!, tem topete essa menina!”, mas agora este despojo vai ter outra

serventia” (REZENDE, 2014, p. 19). Consciente de que retomar os estudos lhe era um sonho inalcançável, resolve utilizar aquelas “sobras de uma ilusão” com outro objetivo, o de registrar as histórias ouvidas, que, por sua vez, não são reduzidas a isso, estando relacionadas ao fortalecimento da(s) identidade(s) positiva(s) da personagem. A afirmação de que o caderno e o lápis servirão para “outra serventia” manifesta o desejo de utilizar tais materiais para construir uma relação entre as palavras e a sua vida. O ambiente, tão pouco propício para a escrita, não é mais um obstáculo, pois Irene arruma-se como consegue na cama para escrever a história ouvida. Ela inicia uma relação mais direta entre a contação de histórias e a escrita, fazendo-as se complementarem mutuamente.

A escrita das histórias contadas por Rosálio começa a ser uma necessidade para Irene: “fecha o caderno onde acabou de escrever a história da serra distante, das Pedras do Pecador, da mulher bela e abandonada voando de lá de cima [...] bastava fechar os olhos que podia ver bem claro, na folha branca da mente, tudo aquilo acontecendo” (REZENDE, 2014, p. 29). Assim, a escrita adquire um grande espaço na vida da personagem, que passa a encará-la como um meio com o qual expressa sua subjetividade, bem como a sua criatividade. Esse processo não é organizado exclusivamente no papel, sendo primeiramente construído no pensamento de Irene, que possui uma “folha branca da mente”. A escrita não é uma mera formalidade ou passatempo para a protagonista, estando diretamente relacionada com seus pensamentos e com a sua consciência sobre si mesma, que está começando a se formar.

Rago, assim como outros teóricos já mencionados, traz a lume o conceito de “subjetivação”, para discorrer acerca desse processo de construção da subjetividade. Ela utiliza a teoria foucaultiana para explicar essa noção: “Foucault entende por ‘modos de subjetivação’ os processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade, ao contrário dos ‘modos de sujeição’, que supõem obediência e submissão aos códigos normativos” (RAGO, 2013, p. 43). O conceito de subjetivação pode ser relacionado com a “construção de si”, de que fala Touraine (2010), de modo que compreendemos esses processos enquanto rompimento com o padrão e, a partir disso, o florescimento da subjetividade, negado às pessoas marginalizadas, como é o caso de Irene e Rosálio que, unidos no relacionamento, passam a compartilhar experiências que até então lhe eram proibidas. O contato com as palavras pode ser interpretado como um ato subversivo, uma vez que essas sempre foram restritas a determinadas classes sociais, sobretudo no caso de Irene, com dois fatores afastando-a do mundo intelectual: o fato de ser mulher e prostituta.

A personagem apropria-se das palavras e alfabetiza seu companheiro: “Rosálio apressa o passo, já lhe saltam palavras na boca, chega pronto para contar histórias da vida inteira, entra e enxerga, surpreso, as letras sobre o papel que a mulher está

traçando, é como um sonho, um milagre” (REZENDE, 2014, p. 20). A protagonista sente-se extremamente bem, ao poder ensinar o que sabe e assim começar a construir para si uma nova representação pautada nas novas identidades que vão florescendo ao longo de sua trajetória, desprendendo-a do estereótipo da prostituta, uma vez que se descobre como quem tem mais a oferecer do que meramente seu corpo. Rosálio é uma peça fundamental nesse processo de transformação de Irene, pois é ele que permite à protagonista vislumbrar-se de outra maneira. No entanto, não é a partir da representação masculina de Rosálio que Irene se transforma, já que não é a necessidade da aprovação dele que institui as mudanças nela. Mas sim o modo como ele se comporta ao lado dela: o pedreiro dedica seu tempo livre para ela sem pretender com isso usufruir de seu corpo. A partir daí ela se dá conta de que, ainda que necessite vender o corpo para sobreviver, isso não a reduz a um simples objeto.

Há que se ressaltar que nessa relação é ela, a mulher, que detém o poder da palavra escrita, e a capacidade de alfabetizar o companheiro. Isso implica subversão de padrões estabelecidos. Rezende representa, desse modo, uma situação incomum no âmbito dos papéis tradicionais de gênero. Ela não só se descobre empoderada em face de seu domínio da escrita, como, por meio dela, se dispõe generosamente a empoderá-lo também, numa troca que remete não à dominação de um sexo sobre o outro, mas a cooperação. Assim, a disponibilidade dele em contar pra ela as histórias que povoam seu imaginário e o conhecimento da escrita que ela tem inauguram laços afetivos que ultrapassam os obstáculos sociais e promovem o crescimento intelectual de um e o autoconhecimento da outra: “ela lhe estende o caderno, onde busca e encontra a guará, o sangue, as pedras, sua mãe e Nem-Ninguém, vai e volta pelas linhas de letras, como quem lê [...] Rosálio espera, polindo as palavras que usará e, assim que a outra aparece e se arrima ao portal do quarto, ele retoma a história” (REZENDE, 2014, p. 30). É significativo o fato de Rosálio – a essa altura da narrativa, ainda não alfabetizado – encontrar no texto que ela lhe oferece a palavra “guará”, dado que, na economia da narrativa, a mesma pode ser interpretada como metáfora da própria Irene. Nessa ordem de ideias, o fato de ele conseguir decodificar essa palavra, entre outras utilizadas em suas narrativas, remete ao processo de subjetivação por que passa a protagonista, evidenciando a relação entre ela e a escrita e o modo como a primeira se constitui na segunda, numa espécie de sugestão de que a autodescoberta dela está intimamente relacionada ao ato de escrever, ao poder de nomear que, aos poucos, vai descobrindo em si.

Evidente, então, nos parece a relação de complementaridade que vai se estabelecendo entre eles. Há uma espécie de rodízio de lideranças, fazendo avultar as relações de complementaridade de que fala Elizabeth Badinter no seu *Um é o outro* (1986). Contribuindo com o intenso debate contemporâneo acerca dos papéis de gênero, a filósofa francesa traça o percurso dos sexos masculino e feminino, partindo

de um momento inicial, localizado na pré-história, marcado pela relação de complementaridade e cooperação entre “um e o outro” sexos, a qual fora transformada, pelo patriarcado, em relação hierarquizada em que o sexo masculino subjuga o feminino (“um sem o outro”). Por fim, reconhece na contemporaneidade um momento em que deixou de existir a prevalência de um sexo sobre o outro, para se instaurar a semelhança e/ou a equivalência: “um é o outro”. Isso implica dizer que o sexo masculino participa do feminino e vice-versa. Na narrativa de Rezende, sem Rosálio, Irene não teria transformado sua autoimagem de modo a se libertar do estigma que a reduzia a simplesmente uma prostituta para, no lugar, se descobrir como mulher-sujeito; sem ela, tampouco, ele teria alcançado o sonho de aprender a ler e de encontrar seu verdadeiro amor: “também por primeira vez tem o amor de uma mulher em quem pode confiar, que não o quer por dinheiro e já não o manda embora, já sabe ler tanta coisa e sabe que o resto aprende” (REZENDE, 2014, p. 126).

Em uma relação de causa e efeito, esse mesmo movimento implicado no reconhecimento de Rosálio acerca do novo patamar existencial que consegue alcançar por meio da presença de Irene em sua vida afeta, igualmente, a nova percepção que ela passa a ter de si: “a faz olhar para ele, bem lá no fundo dos olhos, e lhe diz que encontra nela tanta força [...] tem a força do saber e da bondade para ensinar, que sua vida ainda vale muito mais do que ela pensa, que ele [...] era cego, porque não sabia ler, e ela operou um milagre” (REZENDE, 2014, p. 84). A protagonista não suspeitava ser essa mulher que ele descreve. Ao sabê-lo torna-se capaz de operar uma guinada, já que, nos termos de Touraine (2010), “a construção de si implica um certo amor para consigo mesmo” (p. 41). E é o fato de Rosálio de trata-la como apenas como mulher (e de valor), e não mais como “mulher-dama”, como ela estava acostumada, que lhe permite iniciar reconsiderar a imagem que dispunha de si mesma, levando em consideração a necessidade de amar a si própria e de acreditar que pode oferecer mais ao outro do que o próprio corpo. Pode oferecer dignidade, autoestima e alegria de viver, tudo em decorrência de sua capacidade de escrever e de ensinar a escrever.

Sua relação com as palavras é aprofundada ainda mais à medida que passa de ouvinte para contadora de histórias: “esta dona tem histórias!, agora, conte você a história de seu avô. Irene fica engasgada, sem saber se conta ou chora, mas não quer correr o risco de que o homem vá-se embora e então começa a contar” (REZENDE, 2014, p. 36). O desconforto inicial é típico de alguém não acostumado a ter voz, a emitir opinião ou pontos de vista, todavia, ela não perde a oportunidade de reivindicar para si o direito de narrar, conceituado por Homi Bhabha (2014), não simplesmente como um ato linguístico, mas como metáfora do interesse humano fundamental de se libertar, o direito de ser ouvido, de ser reconhecido e representado.

A atitude de construir uma narrativa com a história de seu avô é bastante sintomática, pois remete ao processo de transformação pelo qual está passando. Se antes escrevia as histórias que Rosálio lhe presenteava, agora ela já é capaz de buscar na memória as suas próprias histórias, as quais ela julgava nem existirem: “Sobre a colcha cor-de-rosa, o caderno já está aberto, e a mulher lhe mostra ‘avô’, mais adiante ‘avô’, ‘mas este avô não é seu é o meu que me criou, você me fez lembrar e eu quis escrever aqui’” (REZENDE, 2014, p. 36).

Nesse sentido, o processo de sua escrita avança um passo à frente e reverbera no desenvolvimento pessoal da personagem. Segundo Bhabha (2014, s/p.), “a narrativa como ação comunicativa está relacionada com alguma coisa que interessa, que se situa entre as pessoas e, portanto, pode fazê-las se relacionarem e se manterem juntas”². Para a protagonista, o ato de narrar apazigua o conflito existente na representação negativa que guardava de si, e alavanca a nova autoimagem em construção, a qual vai se sobrepondo à cruel realidade da prostituta infeliz e subjugada, de modo a fazer emergir a mulher que ela gostaria de se tornar. A escrita vai lhe permitindo preencher as lacunas de sua vida com as armas que tem ao seu alcance e que, até então, não sabia que tinha: “Levante-se desta cama, pegue o lápis e o caderno, vá pensar em coisa séria. Irene folheia o caderno onde escreveu com capricho, enfeitando com detalhes que ela mesma adivinhou” (REZENDE, 2014, p. 99). A subjetivação de Irene, como se vê, não corresponde a um simples processo que abrange desconstruções de paradigmas de gênero e reestruturação da(s) sua(s) identidade(s). O processo depreende grande envolvimento dela, uma vez que não é uma descrição de fatos, antes disso, é criação, não apenas de histórias, mas de uma subjetividade que permitirá o surgimento de uma Irene ressignificada. Ao ponderar sobre a subjetivação feminina, Touraine salienta que é “para elas mesmas que as mulheres se voltam, e, se elas agem dessa forma, é antes de tudo porque querem afirmar-se como sujeitos livres e responsáveis e não como produtos do poder masculino” (2010, p. 54).

A narrativa nos permite constatar que a escrita começa a ser recorrente na vida de Irene: “beija a mulher e se senta, olha o caderno e descobre a escrita ainda fresquinha, mete-se por entre as letras, procurando decifrar o que a mulher escreveu” (REZENDE, 2014, p. 101). Ao qualificar a escrita como “ainda fresquinha”, o narrador sugere que tal prática passou a ser em sua trajetória um exercício contínuo. A personagem escreve porque percebe que é só na escrita e por meio da escrita que

² Tradução nossa. No original em inglês: “Thus, narrative as communicative action is concerned with something which inter-est, which lies between people and therefore can relate and bind them together”. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/38/the-right-to-narrate>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

poderá alçar novos voos, avançando por terrenos nunca antes imaginados. É assim que se põe a escrever o romance sobre a “pobre e louca Floripes”, enredando-se por entre os itinerários da história, inventando-lhe a cor do vestido, ora amarela ora encarnada, seus amores e desventuras, até se dar conta de que já é noite e que não mais consegue enxergar as palavras no caderno. É assim que sua escrita vai alçando outro nível, alimentando-se da própria imaginação já desprendida do relato. A projeção que ela faz de si mesma nas histórias que escreve é evidente, o que valida a importância da prática de escrever no processo de subjetivação, pois “definir-se como mulher significa colocar no centro da vida certo relacionamento para consigo mesma e construir uma imagem de si como mulher” (TOURAINÉ, 2010, p. 27). É justamente isso que a capacidade de narrar proporciona à personagem, a liberdade para se construir.

Para além disso, a escrita e a vida estão mescladas, transformando em uma realização escrever o que lhe foi privado de viver: “Quer escrever o romance de Romualdo, [...] do qual ela nada sabe [...] imaginando mil vidas que podia ter vivido, que não há de ser difícil escrever um seguimento e, escrevendo fazer o invento virar a pura verdade” (REZENDE, 2014, p. 80). O desejo de preencher os vazios com a narrativa que ela afirma ser capaz de escrever é demonstrado de forma premente, denotando que o processo de escrever possui a capacidade de motivar o desenvolvimento da sua subjetividade. E, de fato, o ato de escrever legitimou o processo de subjetivação da personagem; inúmeras foram as mudanças que aconteceram na sua trajetória desencadeadas pela capacidade de ler e de escrever: “Imaginando e escrevendo, então, se pode inventar outro destino, outra vida, fazer girar para outro lado a tal roda da fortuna? É isso que quer dizer a sentença, “estava escrito?”” (REZENDE, 2014, p. 100). A personagem pondera embevecida o poder que a escrita tem de alterar os rumos das vidas das pessoas e promover a construção de si. Entretanto, o desfecho de sua trajetória sinaliza a necessidade de transformações também no contexto social em que a protagonista está inserida e marginalizada.

A despeito da situação social e financeira estáticas, no âmbito existencial, ela passa por um intenso processo de transformação e, especialmente, de aceitação, em uma aceitação de autoperdão e não de submissão. Ao construir uma nova representação para si, fortalecendo sua(s) identidade(s) positiva(s), a protagonista consegue conciliar e fazer as pazes consigo mesma, no que tange à necessidade de se prostituir, compreendendo, assim, a sua situação social: “hoje foi ver o filho, achou-o mais engraçado, capaz de brincar com ela [...] Irene foi achando que ele estava mais corado, mais vivo, ou é ela que está mais viva e vê tudo diferente?” (REZENDE, 2014, p. 100). As mudanças proporcionadas pela descoberta da capacidade de escrever e, portanto, de criar influenciam na sua representação e, conseqüentemente, no modo como ela passa a enxergar a vida. Faz referência a repudiar a culpa em prostituir-se,

e a constatação das inúmeras coisas que não enxergava em si mesma, por conta da venda com a qual o preconceito havia coberto seus olhos. Segundo Touraine, essa “vontade de subjetivação, de autoafirmação das mulheres, torna-se um dos melhores exemplos de uma concepção democrática centrada sobre a vontade de cada um de se afirmar como sujeito contra a lei imposta por outros” (2010, p. 53). O caráter subversivo e individual acompanha esse processo de autoconstrução. Ao conciliar suas identidades, Irene consegue romper com o ideário social que a condena.

Do mesmo modo, ao colocar no papel a história de sua amiga e também prostituta, ela se fortalece: “A mulher reabre o caderno, afina a ponta do lápis, concentra-se e escreve agora a história de Anginha, as trapaças de Porfírio e como a confirmação de que ele não vale nada livrou a amiga da peia para inventar vida melhor” (REZENDE, 2014, p. 100). Escrever que ao se livrar de um explorador Anginha tinha chances de “inventar vida melhor” sugere a superação da vergonha de ser prostituta e o desejo de alcançar uma existência com menos sofrimento, sem a dominação masculina de um parceiro específico. A partir daí, a trajetória da personagem ascende rumo à construção de sua identidade como mulher sujeito: “As linhas aparecendo no branco de cada folha alinham não só os traços da memória da mulher mas da própria alma de Irene” (REZENDE, 2014, p. 100). A “alma de Irene” se funde ao processo de escrita. Essa fusão é extremamente sintomática, pois engloba e exterioriza a sua subjetividade, evidenciando o quão profundo e complexo é o processo de subjetivação pelo qual tem passado, graças ao incentivo de Rosálio: “Ah!, danado de Rosálio, meteu-se no seu caminho sem perguntar se podia, sem fechar nenhum parêntese, quando ela só via para si fechar-se a tampa do esquite” (REZENDE, 2014, p. 115). A vida entre parênteses que Irene levava a direcionava a enxergar apenas um único caminho – o da morte. Além disso, ao afirmar que Rosálio nem se deu ao trabalho de “fechar nenhum parêntese” denota que a prostituição não deve ocupar o protagonismo da sua vida, sendo um detalhe insignificante para ele e que deveria também o ser para ela.

Consciente das transformações e do fato de Rosálio ter sido o motivador de sua tomada de posse do direito de narrar, como sinaliza Bhabha (2014), a mulher reconhece que não mais deseja que ele vá embora, receosa de que sua nova estrutura desabe sem o seu apoio: “ele plantou na terra baldia da alma dela uma planta de esperança [...] que se enraizou, cresceu e que se alguém arrancar vai escavar-lhe um buraco, abrir ferida tão funda que toda a vida que lhe flui ainda nas suas veias há de escorrer e perder-se” (REZENDE, 2014, p. 102). A “planta de esperança” é passível de ser interpretada como a possibilidade que Rosálio, ao apresentar-lhe sua visão destoante no que tange à prostituição e também às letras, abriu para Irene conseguir o autoperdão e compreender suas identidades, além de se reconstruir a partir de uma nova imagem, não mais maculada pelo estigma de prostituta.

Irene abandona totalmente a sua visão da vida com o horizonte do cemitério iminente: “pode, sim, Irene pode desejar viver de amor, quanto mais lhe doem os golpes dos pés do homem tarado, mas quer que o outro apareça, quer sobreviver, viver” (REZENDE, 2014, p. 156). O desejo pela vida é manifestado ardentemente, enquanto é espancada por um cliente. Fragilizada devido à doença que enfrenta, a prostituta percebe que os duros golpes com que é atacada poderão sinalizar o seu fim, outrora desejado, mas que agora tenta combater, agarrando-se aos fiapos de vida. Apesar de toda a sua força de vontade, o seu delicado estado de saúde não permite recuperação, sendo triste e violenta a sua morte, ideologicamente condizente com a sociedade que exclui e marginaliza a prostituta.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Em *O voo da guará vermelha*, romance marcado pela delicadeza da escrita e pelo tom altamente lírico, o encontro inusitado entre o pedreiro analfabeto, Rosário, e a prostituta soropositiva, Irene, permite a ambos um crescimento humano profundo e um encontro de histórias, contadas por ele e ouvidas por ela. Mesmo com o pouco tempo de vida que lhe resta e com o exaurimento das forças, Irene se permite viver uma história intensa de afeto e consegue ensinar as precárias letras que sabe ao companheiro, o que propicia que ele realize o sonho de ser um contador de histórias, redimensionando, assim, sua trajetória existencial.

A protagonista traça seu percurso ascendente por meio das palavras. Apesar de Irene e Rosário terem suas vidas enredadas pelas dificuldades e pelo preconceito, é evidente que a prostituição acrescenta um peso a mais na(s) identidade(s) e representação(ões) da personagem mulher. Em busca da (re)construção de sua(s) subjetividade(s), primeiro, ela se apega às histórias contadas por Rosário e as transcreve em seu caderno para, em seguida, apropriar-se das palavras ouvidas para tecer suas narrativas e escrever suas próprias histórias. Esse percurso linguístico foi o mote para o desenvolvimento interior da personagem. Foi por meio da escrita que Irene conseguiu (re)construir sua(s) identidade(s), superando a visão negativa que dispunha de si por conta da prostituição exercida como forma de sobrevivência. O uso das palavras orais e, sobretudo, o processo de escrita legitimaram o processo de subjetivação de Irene, que assumiu o protagonismo de sua história, compreendendo as malhas sociais que a enredavam e que não deveriam influenciar na sua constituição identitária.

Eis, afinal, a importância e o poder que a escrita pode adquirir: o de reinventar a trajetória de mulheres no romance de autoria feminina contemporâneo. E, sendo assim, pode promover, por meio da representação, a (re)construção de identidades

femininas, uma espécie de “ato de (re)nascimento”, o nascimento da Irene-sujeito, mulher oprimida que, por meio da escrita e das palavras, adquiriu voz e transformou-se, mesmo com os limites impostos por sua realidade, em dona de sua própria vida.

O desfecho triste da personagem denota uma forte crítica social a respeito da situação das mulheres prostituídas, pois se distanciando de clássicos como *Lucíola* e *A dama das camélias*, de José de Alencar e Alexandre Dumas Filho, respectivamente, a morte de Irene não implica um possível cunho moralista do romance, muito pelo contrário, a representação da prostituta em *O voo da guará vermelha* chama a atenção para um universo estigmatizado, cujas motivações não podem ser generalizadamente atribuídas à falta de moral e/ou ao gosto pela perversão. A trajetória de Irene convida a pensar nas desigualdades sociais, na exploração e na objetificação de mulheres, na falta de opções que lhes permeiam a existência, pois, ao invés de atribuir julgamentos vilipendiosos, o romance discute o lado menos visível da questão da prostituição, isto é, a exploração dessas mulheres, que na realidade são vítimas da própria sociedade regulada por práticas e pensamentos herdados do patriarcado. Desse modo, apesar de diferenciada por ser mais incisiva, a opressão a essas mulheres provém do mesmo núcleo canalizador da hegemonia masculina. Ademais, a morte de Irene sinaliza que o âmbito social não acompanhou as transformações existenciais pelas quais a personagem percorreu, marcando a presença da crítica social na obra de Maria Valéria Rezende.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BHABHA, Homi K. *The right to narrate*. 2014. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/38/the-right-to-narrate>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

MOREIRA, Nadilza Martins Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Prefácio - Viver no feminino: Uma mais sete histórias de vida. In: RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 13-21.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Tradução Francisco Morás. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-92.

ANA MARIA SOARES ZUKOSKI é mestra em Letras na área de concentração Estudos Literários e linha de pesquisa Literatura e construção de identidade, pela Universidade Estadual de Maringá (2020). Doutoranda em Letras na mesma área de concentração, linha de pesquisa e instituição. Atualmente também é discente do Programa de Pós-graduação Lato-sensu em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Paraná. Dentre suas publicações, estão o artigo “O fantasma da gaja denuncia: aspectos da violência contra a mulher em ‘Overbooking’ (2016), de Lídia Jorge” (Revista Humanidades e Inovações, 2020) e o capítulo de livro “Itinerários da guará: A trajetória de Irene no romance de Maria Valéria Rezende” (*Imersão nas letras: percursos literários e linguísticos*, 2019).

LÚCIA OSANA ZOLIN é mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutora em Letras pela mesma instituição (2001), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é professora-associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Departamento de Letras. Atua no Programa de Pós-graduação (PLE), na área de concentração em Estudos Literários. Coordena regularmente projetos de pesquisa institucionais relacionados aos Estudos de Gênero, com ênfase na Literatura de Autoria Feminina e na Teoria Crítica Feminista. Orienta dissertações de mestrado e teses de doutorado nessa seara. Integra o Grupo de Pesquisa sobre Literatura Brasileira Contemporânea – GELBC, e é líder do Grupo de Pesquisa Literatura de Autoria Feminina Brasileira – LAFEB. Dentre suas publicações, estão os capítulos de livro “Literatura de autoria feminina” e “Crítica feminista” (*Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*) (2019).

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; ZOLIN, Lúcia Osana. A escrita como processo de subjetivação feminina: uma leitura de *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 62-78.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 jul. 2020.